

# OS ÚLTIMOS ANOS DA POLOP E SUA RELAÇÃO COM O PARTIDO DOS TRABALHADORES: 1971-1986

## **Tamires Assad Nery de Brito**

Bolsista PIBIC/Fapesb, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, membro pesquisadora do LABELU, e-mail: [tamyassad@gmail.com](mailto:tamyassad@gmail.com)

## **Eurelino Teixeira Coelho Neto**

Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenador do LABELU, e-mail: [eurecoelho@gmail.com](mailto:eurecoelho@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Política Operária, Partido dos Trabalhadores, história política

## INTRODUÇÃO

De forma geral nesta pesquisa, temos por objetivo caracterizar o debate feito pela Organização Política Operária - também conhecida como POLOP ou PO - em dois momentos. Num primeiro momento, em relação ao surgimento do Partido dos Trabalhadores nos anos finais da década de 70 e, num segundo momento, o conseqüente processo de atuação no mesmo. A Política Operária foi uma organização política de orientação leninista, que existiu no período de 1961 - 1986 se apresentando com fortes críticas ao PCB. A POLOP compôs, no cenário de esquerda da época, um número pequeno de organizações que trouxe em meados dos anos 1960 uma nova leitura da realidade brasileira e de métodos revolucionários que foram de encontro à linha *pecebista*, hegemônica até então. Ainda que numericamente pequenas essas organizações, dentre elas a POLOP, representou a quebra do monopólio pecebista e a incorporação de novos debates na esquerda acerca do processo revolucionário (LEAL, 1992). A principal diferenciação teórica encontrava suas razões na leitura feita pela Organização de que o Brasil já se encontrava num estágio de desenvolvimento que possibilitava a efetivação da revolução socialista, criticando por tanto, a leitura do PCB que fazia a defesa da necessidade de uma aliança com a burguesia nacional para cumprir a etapa democrático-burguesa. Para a POLOP já caberia na sociedade brasileira uma revolução e ela deveria ser socialista. Faltava agora, a tarefa de construir o Partido Revolucionário, essencialmente operário, que cumpriria a função de ser o catalisador desta revolução.

Em 1970 a organização passa por uma cisão de onde outros grupos surgem, dentre eles a Organização de Combate Marxista Leninista - Política Operária (OCML-PO) que nasce em 1971 como, segundo seus próprios militantes, tentativa de reorganização da "antiga" POLOP, formada inicialmente em 1961. É essa organização, especificamente, que se aproxima do Partido dos Trabalhadores.

## DISCUSSÃO/RESULTADOS

Os anos 70 foram os mais duros da ditadura militar, mas também foi um momento de grandes mobilizações e formas alternativas de organização popular, sobretudo em razão do acirramento da luta de classes, fortemente influenciada pela crise econômica que se verificou no país a partir de 74. O processo de transição democrática do país vivenciado a partir da década de 70, pode ser lido como a alternativa possível encontrada pelo Estado na busca pela manutenção da ordem já estabelecida, assim como também, fruto de uma

correlação de forças marcada fortemente pela grande pressão imposta pela oposição ao regime, por diferentes setores da sociedade civil. É nesse contexto que emerge o Partido dos Trabalhadores.

O PT pode ser compreendido como um “fenômeno” nacional que começa a se formar no final da década de 1970. Pensar a construção desse partido nos remete a relacioná-los a variadas realidades e diferentes formações, levando em consideração que sua construção se deu de forma quase que simultânea em diferentes regiões do país, contando em sua composição formações igualmente diferenciadas. É certo que a formação petista desenvolvida a partir das greves no ABC paulista ganhou grande centralidade, mas não pode ser vista como narrativa única para explicar a formação deste partido.

O PT surge neste período com grande força, sendo “*sinônimo de bases mobilizadoras e greves*” (COELHO NETO, 2005) se apresentando como novidade política e vista pela POLOP do mesmo modo. Aliás, não apenas da POLOP. Gomes (2007) demonstra ainda, que várias organizações se aproximaram do novo partido, a exemplo da AP – ML (Ação Popular- Marxista Leninista), que tem sua origem na JUC (Juventude Universitária Católica), e que da mesma forma que a POLOP, acreditava na revolução socialista e via na existência de um partido “de novo tipo” - um partido proletário – os rumos da revolução brasileira. E por isso, também como a PO, encarava o PT como a chance de pôr em ação esse projeto político.

O surgimento do PT significou para a esquerda brasileira do final da década de 70 e início da década de 80, uma ferramenta derivada da ascensão do movimento de trabalhadores brasileiros, que em São Paulo ganhou voz pelo movimento operário. Um partido que se apresentou como uma proposta classista nova, um partido dos trabalhadores para os trabalhadores, um partido nascido de suas próprias lutas (DEMIER, 2008).

Alguns documentos da POLOP como um titulado de “Como o PT deve ajudar o movimento dos trabalhadores”, utilizados para discussão interna, demonstram o interesse da POLOP no novo partido, sempre visto com grande expectativa pelos militantes polopistas, ainda em meio as primeiras especulações sobre a formação petista. O PT surge como a independência da classe operária e por isso uma possibilidade de construção do partido revolucionário, que como já mencionado anteriormente, era o elemento chave do projeto político socialista defendido pela Organização, por ser ele a força catalisadora capaz de levar processo revolucionário adiante. Não que o PT naquele momento fosse o Partido Revolucionário pelas premissas leninistas, mas o que se coloca para a POLOP é ver neste fenômeno novo que é o PT, a possibilidade de construí-lo. “O surgimento do PT mudou a situação e colocou o problema da formação do partido revolucionário em uma perspectiva mais concreta... o PT, produto legítimo das lutas de classe no país, ofereceu-se como instrumento indicado para levar avante o processo de amadurecimento e organização política da classe”<sup>1</sup>.

Para além da possibilidade de construção do Partido Revolucionário podemos identificar alguns outros fatores de aproximação entre a POLOP e o PT. Podemos entender que a aproximação com o Partido dos Trabalhadores seria uma forma de tentar resolver o problema do distanciamento com a classe operária que acompanhou a Organização desde a sua fundação em 1961. Outros fatores ainda poderiam ser mencionados, mas consideramos nesta pesquisa, serem essas duas as razões principais que levariam a POLOP a buscar uma aproximação com o PT.

Considerando um segundo momento, agora em processo de atuação dentro do PT percebemos certa “quebra”, se assim puder se chamar, dessa expectativa criada pela Organização. A atuação no PT foi um tanto complexa em parte, em razão do cenário

<sup>1</sup> Documento de circulação interna. “O PT e o Partido Revolucionário” – 1982. Escrito por Eric Sachs. Referência no acervo : [ ( 4a)27]

interno do partido sempre marcado por uma forte disputa entre os diferentes setores sociais como organizações clandestinas, militantes de movimentos populares e tantos outros sujeitos que se aproximaram do PT. O processo de formação do PT foi a todo tempo marcado pelos conflitos e disputas.

Outras questões, para além das situações de disputa dentro do PT, influenciaram sua atuação e estão relacionadas com a própria dificuldade da POLOP em se manter organizada enquanto Organização fora do PT. Isso porque a Organização vinha sofrendo um crescente processo de desarticulação e dissolução, por sua própria trajetória de cisões e fracionamentos pela qual constantemente passava. Somado a isso a repressão do regime também contribuiu no sentido de desarticular alguns quadros da organização, em que muitos militantes, dentre eles o principal teórico da Organização desta segunda fase, Eric Sachs, foram exilados. Todas essas questões refletiram no seu modo de atuação dentro do PT. Por fim, pensar a trajetória desta Organização só se faz possível considerando o conjunto de relações que estabelecia com a sociedade na qual estava inserida. Seria equivocada afirmar que o PT foi responsável pelo fim da POLOP, mas não se pode desconsiderar o quanto a atuação no partido foi significativa neste processo de dissolução. A consideramos ainda como parte do conjunto de partidos, organizações e sujeitos que fizeram oposição ao regime civil-militar, e por tanto julgamos possível entender o processo de abertura política brasileira a partir do nosso objeto.

## METODOLOGIA E FONTES

São utilizados nesta pesquisa os documentos de circulação interna da Organização que compõem o Acervo Nacional Victor Meyer, ex-militante da POLOP, em posse do LABELU. O olhar pretendido nos coloca no campo de estudo da História Social da Política. Busca-se aqui perceber o complexo de relações que constitui a “totalidade” que cerca a POLOP e o período histórico estudado, considerando “a singularidade do acontecimento e da ação do sujeito, por um lado, e a totalidade muito mais complexa de relações da qual aquela singularidade é uma parte, exatamente porque é a negação determinada um do outro, se determinam reciprocamente... a parte não existe, como tal, fora da relação com o todo”(COELHO,2010). Outro conceito considerado é o de Partido, desenvolvido por Gramsci. A POLOP aqui é lida como um partido político na medida em que elabora visões de mundo e disputa suas ideias no contexto que está inserida. E nos utilizamos de um exemplo, que é o processo de atuação dentro do PT, pra demonstrar isso. Um partido criado e criador de um contexto social, que pensou a sociedade brasileira de sua época, pensou o Estado, pensou as classes e suas frações e elaborou estratégias de transformação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDONÇA, Sonia Regina, FONTES, Virginia Maria. *História do Brasil recente. 1964-1992*. Série Princípios. 3ª edição. São Paulo, 1994

COELHO, Eurelino Teixeira. *A dialética na oficina do historiador: ideias arriscadas sobre algumas questões de método*. IN:Revista História e Lutas de Classe: Teoria da História. Ano 06, edição 9, junho de 2010.

COELHO, Eurelino Teixeira. *Uma esquerda para o capital: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*. Tese de doutorado em História pela UFF, 2005.

DEMIER, Felipe. *Das Lutas operárias às reformas reacionárias: uma proposta de periodização para a história do Partido dos Trabalhadores*. IN: Revista História e Luta de Classes: Trabalhadores e suas Organizações. Ano 04- Edição n 05, abril de 2008

GOMES, Igor. *Na contramão do sentido: origens e trajetória do PT de Feira de Santana – Bahia, (1979-2000)*. Dissertação de Mestrado. UFF. Niterói, 2007.

LEAL, Leovegildo Pereira. *Política Operária: A quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira*. Dissertação de mestrado. UFF, 1992.

LÊNIN V.I. *Que fazer? As questões palpitantes do nosso movimento*. Editora Hucitec: São Paulo, 1979.

MATTOS, Marcelo Badaró. Em busca da revolução socialista: a trajetória da POLOP (1961-1967). IN: REDENTI, Marcelo, REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*, vol. V. Campinas, Edunicamp, 2002.

MEYER, Victor, MIRANDA, Orlando e SADER, Emir. *Andar com os próprios pés. Discutindo uma estratégia de ação para os trabalhadores. Coletânea de textos de Eric Sachs (Ernesto Martins)*. Belo Horizonte, SEGRAC, 1994.

OLIVEIRA, Joelma Alves de Oliveira. *POLOP: as origens, a coesão e a cisão de uma organização marxista (1961-1967)*. Dissertação de Mestrado. Araraquara, 2007.

OLIVEIRA, Tiago Guimarães. *POLOP: Oposição dentro da esquerda marxista nos anos de chumbo do Brasil 1961-1967*. Trabalho de Conclusão de Curso pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2011.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *A Revolução faltou ao encontro: Os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990. 2ª edição.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *A Guerra Fria*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.). *O Século XX*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 ( Vol. 2. O tempo das crises).